

ARTIGO

**NOTÍCIAS SOBRE JOAQUIM NABUCO,
OLIVEIRA LIMA E SALVADOR DE MENDONÇA**

RESUMO: Apresentamos a trajetória de três homens públicos da República brasileira na diplomacia e no jornalismo, bem como refletiremos a aproximação dos temas tratados por eles através dos conteúdos apresentados nos seus discursos. Nesse caso, consideram-se as diferenças de percepções relativas às circunstâncias políticas e sociais que viveram no Brasil e no exterior. Observamos também suas idéias sobre o regime republicano e o continente americano em relação aos Estados Unidos. O artigo busca o itinerário de Joaquim Nabuco, Oliveira Lima e Salvador de Mendonça em fases distintas de suas biografias e da história contemporânea do Brasil para cumprir esse objetivo.

Palavras-chave: Oliveira Lima; Joaquim Nabuco; Salvador de Mendonça.

INTRODUÇÃO

Joaquim Nabuco, Oliveira Lima e Salvador de Mendonça refletiram a história e a vida social brasileira publicando suas opiniões em livros e periódicos. Por isso, eles foram investigados nas décadas que antecederam a República e no período das administrações militares dos presidentes Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, bem como nos quadriênios dos governos civis de Prudente de Moraes, Campos Sales, Rodrigues Alves e Affonso Pena.

*Doutor em História pela Universidade de Brasília UnB.
Professor Adjunto da Universidade Federal de Roraima UFRR.

Entendemos que essas trajetórias dão notícias da atuação no serviço diplomático¹ desses regimes e informam suas posições políticas por meio dos títulos publicados nos jornais e panfletos da época. Os debates produzidos nesses indicam a inserção do país no denominado mundo civilizado² através do fim do trabalho servil e da inauguração da República brasileira.

A tarefa foi cumprida com consultas a autobiografias e biografias desses pensadores e, depois, por seu cruzamento, de modo a produzir um painel de dados confiável. Informamos, também, a opção de contemplar períodos anteriores à vida diplomática e política desses pensadores.

A redação do artigo aborda temas anteriores à década de 1870 quando esses três homens públicos iniciam na diplomacia e na política³. Comentaremos as atividades desenvolvidas, locais visitados e pessoas que tiveram contato com Lima, Mendonça e Nabuco. Essa escolha corroborou na identificação de ambientes onde formaram opiniões e as manifestaram. Colégios, faculdades e jornais - acadêmicos e profissionais, foram citados de modo a promover reflexões sobre coincidências entre preocupações e temas que os abalaram. Neste caso, títulos de artigos, de periódicos e informações autobiográficas e biográficas permitiram inferir distâncias e proximidades de suas compreensões da política doméstica e das relações internacionais durante a Monarquia e a República. Outrossim, os três pensadores manifestaram uma preocupação comum expressa por concepções, às vezes antagônicas, da inserção brasileira no continente americano e republicano, como também da participação deste país no mundo ocidental.

Essa preocupação revela expressões idealizadas por uma mesma geração que se batia para responder a novos problemas de ordem política e

¹ Importante esclarecer que Joaquim Nabuco e Salvador de Mendonça trabalharam no serviço diplomático da Monarquia e da República. Oliveira Lima atuou somente no último.

² O termo civilizado refere-se aos padrões de conduta e vida européias, em especial a francesa. Nesse tempo, os Estados Unidos começam a encantar por conta da sua industrialização. Admiti-se, igualmente, sua importância militar e política no continente americano expressa pela doutrina de Monroe.

³ Joaquim Nabuco e Salvador de Mendonça se iniciam nesta década. Oliveira Lima começou na década de 1890.

social. Geração configura grupos unidos por laços sociais que os organizam em torno de idades e/ou identidades⁴, sendo a geração fundada no mesmo processo histórico social. Desse modo, os membros dos grupos observam o mundo por meio de referenciais comuns sem perder particularidades de pensamento (Mannheim, s/d). Lima, Mendonça e Nabuco possuíram esses laços porque conviveram na diplomacia e foram colegas nas letras. Eles escreveram na Revista Americana e Brasileira. Esta última antecedeu e gerou a Academia Brasileira de Letras - ABL⁵. Além do que suas biografias, quando não se encontram, apontam semelhanças concernentes a costumes e práticas.

No tocante à noção de geração, comentamos as observações de Oliveira Lima sobre seu encontro com José Veríssimo e Machado de Assis promovido por Carlos de Carvalho. Lima esteve no Brasil assim que terminara sua missão em Berlim no ano de 1895. Ele estava convencido a ingressar na política, mas Carvalho o declinou da intenção promovendo-o a Primeiro Secretário nos Estados Unidos. A promoção o levou a trabalhar com Salvador de Mendonça no ano seguinte. Carvalho também apresentou Lima a Veríssimo e a Assis. O primeiro era o editor da Revista Brasileira e o último o ícone da intelectualidade brasileira. Vale salientar que essa Revista gerou a Academia Brasileira de Letras, bem como as pessoas apresentadas foram membros fundadores desta organização. O grupo estava afinado no propósito de construir uma áurea de puritanismo acadêmico para o regime que se firmava.

JOAQUIM NABUCO E SALVADOR DE MENDONÇA: ENCONTROS ACADÊMICOS E NO JORNALISMO

Joaquim Nabuco e Salvador de Mendonça se encontraram em duas situações antes de ingressarem na vida diplomática. A primeira se deu no

⁴ O conceito de identidade não é consensual, contudo, sua discussão exige a construção de outro artigo. Desse modo, preferimos comentar que seu uso, no texto, refere-se ao que Maria Lúcia Montes denomina de Visão Relacional. Grosso modo, concebe-se identidade como uma construção cultural que depende de duas categorias de análise, a alteridade e a relacional. Por exemplo: um indivíduo qualquer se reconhece na oposição a outros, de modo a ter-se dinâmica e fluidez no conceito.

⁵ Sérgio Miceli comenta a geração de 1870 e suas edificações, como a Academia Brasileira de Letras, a qual se tornou importante centro de produção intelectual e de consagração. As principais editoras mantinham-se nas esferas de influência da Academia, bem como essa possuía relações com a máquina por meio de homens públicos de relevo.

Imperial Colégio de Pedro II e a última na Faculdade de Direito de São Paulo. Na primeira, Mendonça foi professor de Nabuco. Na outra, os dois foram colegas de curso e de letras. Nesse ínterim, Oliveira Lima nasceria em Pernambuco, mais precisamente no Recife, para, em 1873, seguir com a família em direção a Lisboa. Nesse sentido, exploramos as biografias desses pensadores para encontrá-los em atividade nos momentos em que o Brasil vivia transformações profundas.

A biografia de Salvador de Meneses Drummond Furtado de Mendonça se diferencia das demais em função da idade⁶, pois antecedia em oito anos a Joaquim Nabuco e vinte seis a Oliveira Lima. Mas Mendonça os encontrará na legação⁷ dos Estados Unidos, em tempos distintos, e Nabuco na carreira jornalística. Além do que, outra característica comum foi a primeira educação que receberam no interior das casas de suas famílias. A mãe de Mendonça, Amália de Meneses Drummond, o iniciou nos estudos de desenho, línguas e música, fazendo-o sair de Itaboraí para estudar na Corte em 1851.

Salvador de Mendonça seguiu para o colégio Marinho, onde teve como colega Sizenando Nabuco, irmão mais velho de Joaquim Nabuco. Depois foi matriculado no colégio Curiácio, dirigido pelo barão de Tautphoeus. Nesse, Mendonça se destacou enquanto discente, pois, concluído seus preparatórios, recebeu a honra de ser levado à presença de Pedro II (MENDONÇA, 1960). Situação que indicava reconhecimento público da distinção e mérito conferidos ao aluno. A distinção o encorajou, pois apresentou seu primeiro ensaio literário, uma adaptação de *O bobo*, de Herculano, para o teatro em 1858. No ano anterior, Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo ingressava no colégio Curiácio porque Ana Rosa Falcão de Carvalho, sua madrinha, havia falecido.

Joaquim Nabuco deixou o Engenho Massangana onde foi criado desde 1849, ano de seu nascimento (Daghlian, 1988). O engenho era de propriedade de seus padrinhos e lá fora criado porque seus pais, o então deputado José Tomás Nabuco de Araújo e Ana Benigna de Sá Barreto, compreenderam ser o

⁶ Salvador de Mendonça nasceu na vila de Itaboraí, Rio de Janeiro, a 21 de julho de 1841.

⁷ Termo largamente utilizado por intelectuais que assumiram funções diplomáticas, indicando uma representação diplomática de categoria inferior à embaixada. Vale salientar que a embaixada do Brasil em Washington foi criada somente em 1905, tendo Joaquim Nabuco como primeiro embaixador. Nabuco apresentou suas credenciais ao presidente estadunidense Teodoro Roosevelt em 25 de maio daquele ano.

melhor para sua formação. Em Massangana, a criança teve toda sua instrução primária. O jovem receberia a complementação no Rio de Janeiro, junto aos pais, no colégio Curiácio e Imperial Colégio Pedro II. Do primeiro, Salvador de Mendonça deixou de ser membro em 1859.

Mendonça seguiu para São Paulo onde se matriculou na Faculdade de Direito, tendo por colegas Campos Sales e Prudente de Moraes, futuros presidentes do Brasil. Ele dividiu espaço na Gironda com Teófilo Ottoni Filho. Entenda-se Gironda como sendo uma república que abrigava membros do partido liberal e, por isso, tratada com muitas reservas e redobrada vigilância pelas elites da cidade. Situação que não assustou Mendonça, posto se iniciar no jornalismo em um período de grande inspiração. Ele publicou o poema *Singairu* na Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano. Escreveu para outros jornais, como o periódico acadêmico O Caleidoscópio, do Instituto Acadêmico Paulistano, no qual publicou a comédia-drama de 5 atos e 7 quadros intitulada *O romance de um moço rico*. Na Revista Popular da Corte se apresentou como crítico, anunciando as *Flores Silvestres* de Bittencourt Sampaio.

Salvador de Mendonça também atuou no jornalismo não acadêmico. Com o pseudônimo de Tacitus escreveu a sessão teatros da Corte, na Revista Dramática, e contribuiu com a Revista Mensal. Mendonça e Teófilo Ottoni Filho fundaram o jornal A Legenda, concebido pelos estudantes da Gironda. Esse dava atenção a temas políticos, com tônica liberal. O periódico aparecia nos dias 1, 11 e 21 de cada mês do ano de 1860. Mas, no final daquele ano, Mendonça interrompeu seus estudos e retornou para o Rio de Janeiro, quando se viu arrimo de uma família de oito irmãos e, para sustentá-la, foi obrigado a trabalhar no jornalismo profissional e no magistério particular. No jornalismo, participou da redação do Diário do Rio de Janeiro que tinha Joaquim Saldanha Marinho como redator-chefe. Saldanha Marinho, à época, defendia a Monarquia representativa. No magistério, ingressou como professor no colégio Curiácio e se casou com Amélia Clemência Lúcia Luísa de Lemos, em 1861.

Apesar do magistério, Salvador de Mendonça teve atuação marcante no jornalismo, fortalecendo sua presença nos jornais. Escreveu no Jornal do Comércio e no Correio Mercantil. No primeiro fazia crítica musical e no último

compunha a Semana Lírica. Mendonça, contudo, insistia na produção teatral. Ele criou a peça *A herança* e apresentou a tragédia lírica *Joana de Flandres*, cujo libreto se destinava à Carlos Gomes para ser musicado. O período que se iniciou em 1864 e terminou no ano de 1870, guardou muitos eventos que mudaram a paisagem política e social brasileira, bem como a vida pessoal de Salvador de Mendonça. Em 1864, começou a Guerra da Tríplice Aliança, a qual comprometeu diversas instituições monárquicas, inclusive a Monarquia. Em uma perspectiva individual, Mendonça foi incorporado pela primeira vez a um corpo de redatores efetivos, o do jornal liberal *Atualidade*, de propriedade de Luís Barbosa e Flávio Farnese. Algo inédito em sua carreira até então.

Sua vida social se tornou mais dinâmica no salão de Carlota de Melo Matos, onde estabeleceu contatos com pessoas influentes da Monarquia, assim como afetou também sua atividade como professor, posto que em 1865 assumiu a cadeira de História do Brasil no Imperial Colégio de Pedro II. Substituindo Joaquim Manuel de Macedo, que o indicou pessoalmente para a regência. Teve como alunos os bacharelados do sétimo ano, dentre os quais Jaguaribe, Joaquim Nabuco, Luís Betim, Moncorvo, Moreira Pinto, Rodrigues Alves e Vieira Fazenda.

Mendonça, que também se encontrava embebido do sentimento patriótico promovido pela Guerra da Tríplice Aliança, compôs um hino, logo que declarada a Guerra, com música de Carlos Gomes. Tendo a colaboração do padre Antonio Álvares Guedes Vaz e Vítor Dias, apresentou o primeiro volume de uma obra que deveria ser maior, os *Apontamentos Biográficos para a História das Campanhas do Uruguai e do Paraguai desde 1864*. Os demais volumes não vêm a lume. No plano da política doméstica, com o pseudônimo de Demófilo, publicou o folheto *Regeneração*.

Mas o jornalista e o professor cederam lugar ao estudante. Mendonça retornou a província de São Paulo para concluir seu curso de Direito, em 1867. Ele se deparou com uma província inquieta, onde se discutia temas como abolição e república no meio acadêmico. Debates que transcendiam a faculdade e alcançavam outros veículos como a literatura e a política. Lá reencontrou Joaquim Nabuco, figura de destaque na imprensa e tribuna acadêmica. A chegada de Mendonça a São Paulo deu-se ao mesmo tempo da

fundação do jornal A Tribuna Liberal, de Nabuco. Dessa feita, ex-aluno e ex-professor tornaram-se redatores do periódico, que tinha a participação de outros estudantes, como Clímaco Cesarino, Ferreira Braga, Leôncio de Carvalho, Martim Cabral, Monteiro de Barros e Pereira de Campos.

Naquele mesmo ano, a 25 de dezembro, Oliveira Lima nascia na cidade natal de Joaquim Nabuco - Recife. Lima era filho do comerciante português Luís de Oliveira Lima e da brasileira Maria Benedita de Oliveira Lima. Sua primeira educação também foi feita no seio da família. A diferença está na complementação, toda ela desenvolvida em Lisboa para onde seguiu em 1873. Anos depois, Salvador de Mendonça comentará a data de nascimento de Lima ao recepcioná-lo na Academia Brasileira de Letras - ABL. Antes disso, porém, Salvador de Mendonça permaneceria mais algum tempo, coisa de meses, na Tribuna.

Com a situação liberal na política, apoiada pelo gabinete comandado por Zacarias de Góes e Vasconcelos, ele recebeu dois convites. O primeiro deles feito pelo conselheiro José Bonifácio; conselheiro Martim Francisco; conselheiro Silva Carrão e pelos senhores José Maria de Andrada e Ferreira Menezes. Mendonça dirigirá o jornal Ipiranga, o qual Joaquim Nabuco criticou nas folhas do seu jornal (MENDONÇA, 1960). O segundo convite foi feito por Saldanha Marinho que substituíra José Tavares Bastos na presidência da província de São Paulo. Marinho escolheu Mendonça para seu secretário particular.

Mas a roda da fortuna de Salvador de Mendonça seria alterada para pior, com a Crise de 68. Nela ocorreu a queda do ministério de 3 de agosto, de formação liberal, e ascensão do gabinete conservador de 16 de julho, comandado pelo visconde de Itaboraí, a quem coube a responsabilidade de organizá-lo. Tarefa árdua posto a dissolução de o ministério liberal ter sido traumática.

O processo de dissolução começou no dia 17 de julho, com a votação de uma moção justificatória na Câmara dos Deputados. O resultado da votação foi humilhante, tendo os apoiadores da moção 85 votos contra 10 de seus oponentes. Os ânimos dos parlamentares se alteraram e acusações severas foram feitas aos conservadores. José Bonifácio o moço, criticou a moção e afirmou que a ascensão conservadora ofendia a ordem institucional, bem como

os novos ministros seriam pessoas importunas que pediriam auxílio em casa de estranhos. Apesar da animosidade, o conselho de Estado se reuniu, em sessão especial de 18, e fez publicar no dia seguinte, um domingo, o decreto de dissolução daquele ministério.

O medo da reação liberal fez a semana posterior iniciar com ares de golpe de Estado, tendo-se concentrado no Paço grande quantidade de tropa armada. Os liberais não reagiram como se esperava, mas deram voz a sua indignação. Na província de São Paulo, Saldanha Marinho renunciava à presidência e afirmava ser a ascensão do ministério conservador um estelionato político. Marinho deu início a sua mudança para a seara republicana. Na mesma cidade, na Faculdade de Direito, Joaquim Nabuco proferiu o discurso da recepção de José Bonifácio o moço, um dos políticos que reagiu mais tenazmente aos conservadores. Além do que, o fato não passou despercebido aos observadores internacionais. No jornal *Anglo-Brazilian Times*, o irlandês Willim Scully publicou o artigo *Primeira Espada do Império*. Os argumentos de Scully estavam em consonância com o dos liberais brasileiros, pois supunha a existência de algo de insólito e de mau agouro para a Monarquia. O plenipotenciário norte-americano James Watson Webb, em despacho para o Secretário de Estado em Washington, afirmou está próxima a queda da única Monarquia do hemisfério.

A mudança de Gabinetes desnudou, igualmente, incorreções da Monarquia brasileira que o discurso oficial disfarçava. Ela era comentada, pelos áulicos, como preferível às Repúblicas sul-americanas porque possuía estabilidade administrativa. Acreditava-se que essas Repúblicas viviam amotinadas e amedrontadas por medo de assalto ao poder. Mas a alteração da situação liberal, para uma conservadora, mostrou a fragilidade do discurso áulico.

A substituição do governo implicou em demissões e remoções de empregados públicos, como ocorria nos países de língua espanhola. O barão de Itaúna exemplifica o argumento esboçado, pois nomeado presidente de São Paulo a 25 de julho de 1868, teve sucessor a 30 de julho de 1869. Mas o barão ocupou o posto entre 27 de agosto e 24 de abril de 1869, de modo a preparar o pleito que resultou na câmara unânime reclamada pelo novo governo conservador. Ao sair, Itaúna preteriu os primeiro e segundo vice-

presidentes, deixando o terceiro, que pertencia à ala dos conservadores que mais se afeiçoava. Talvez por isso, Salvador de Mendonça tenha escrito e não publicado a composição da *História da Regência - ensaio de regime democrático no Brasil*.

Passaram as conturbações com a mudança de gabinetes, mas os problemas do sistema de representação foram evidenciados e largamente discutidos. Criticava-se duramente o poder moderador, com a diferença de se ter o monarca na qualidade de manipulador do jogo político. De igual modo, debateram-se acaloradamente as contradições do regime monárquico, refletindo-se oposições teóricas como a do princípio moderno da soberania popular e o da sanção divina; um sistema nominalmente representativo e a carência de verdadeira representação e um regime aristocrático e a ausência de aristocracias tradicionais.

Nesse momento, Salvador de Mendonça e Joaquim Nabuco encontraram-se no Rio de Janeiro. O primeiro trabalhava no escritório de advocacia de Saldanha Marinho, do qual sairia para se associar ao também advogado João de Cerqueira Lima. Na política, porém, Marinho e Mendonça estavam juntos. Eles ajudaram a criar o clube republicano na capital do Império e participaram da publicação do Manifesto de 70, no qual Mendonça escreveu o capítulo A verdade democrática. Eles ainda corroboraram na fundação do partido republicano e do jornal A República. Neste, Salvador de Mendonça participou até seu encerramento em 1874, quando passou a redigir no O Globo, de Quintino Bocaiúva.

Joaquim Nabuco, formado pela Faculdade de Direito de Pernambuco, retornou ao Rio de Janeiro para trabalhar no escritório de advocacia de seu pai. Mas preferiu o jornalismo e a literatura. Escreveu no jornal liberal Reforma e publicou *Camões e os Lusíadas*, um ensaio literário e *Amour et Dieu*, um livro de poesias; este quando do seu passeio pela Europa, em 1873. No ano seguinte, repleto de cosmopolitismo, se bateu com José de Alencar nas páginas de O Globo, chegando a proferir provocações pessoais ao romancista.

Apesar das diferenças de opinião sobre a Monarquia, Salvador de Mendonça e Joaquim Nabuco ingressaram em anos próximos no serviço diplomático brasileiro. O primeiro em 1875, como Cônsul Privativo do Império

em Baltimore. Mas, com a morte de Luís Henrique Ferreira de Aguiar, o Cônsul-Geral, permaneceu na cidade de Nova York e assumiu interinamente a função. Nabuco ingressou no ano de 1876, nomeado adido nos Estados Unidos e se instalou em Nova York.

Nabuco, no entanto, tinha os olhos voltados para a Europa, indo para Londres no ano seguinte. Enquanto isso, Mendonça se encantava com a grande pátria americana, onde representou o Brasil na Exposição Centenária de Filadélfia. Publicou suas impressões, de forma espaçada, na revista *Novo Mundo* de José Carlos Rodrigues, como também deu publicidade a suas correspondências sobre os Estados Unidos nos jornais brasileiros *O Cruzeiro*, do Rio de Janeiro e no *Diário da Bahia*. No primeiro foram publicadas as *Cartas Americanas* e no último as *Cartas dos Estados Unidos*. Nesse período, Cansansão de Sinimbu o incumbiu de colher informações sobre a imigração chinesa nos Estados Unidos que transformou no livro intitulado *Trabalhadores Asiáticos*.

Cansansão de Sinimbu estava à frente de um governo liberal e a questão da abolição pairava como algo que fatalmente aconteceria, sobretudo, depois da aprovação da lei de 13 de maio ou dos nascituros. Sua votação aconteceu quando o conselheiro Dantas estava à frente do governo, no ano de 1871. Ela foi aprovada, na Câmara dos Deputados, por maioria esmagadora e revelava um novo cenário, o da cisão entre os produtores rurais. A ala mais dinâmica daquele grupo não precisava do trabalhador cativo e optou por não se opor aos abolicionistas, que defendiam uma bandeira cada dia mais popular. Além do que, o trabalho livre garantia maiores liberdades com o poder público, pois não possuía raízes no passado. Dessa forma, uma resposta precisava ser dada ao problema. Mas a resposta tentada por Sinimbu foi apelidada de mongolização do país por Joaquim Nabuco, então deputado geral pela província de Pernambuco.

Nabuco criticava o estímulo à imigração de chineses para substituir escravos na agricultura brasileira. Ele se afastou da diplomacia em 1878, ano da morte de seu pai, para se eleger deputado geral na legislatura do ano seguinte. Ocupou cadeira no Parlamento durante dez anos, de 1879-1889. Exceção feita às legislaturas de 1881-1884, 1886 e parte de 1887. Nabuco, ao

longo desses anos, discutiu o problema da escravidão dentro ou fora do Parlamento. O tema do trabalho livre incomodava-o profundamente, bem como o desejo de ter a primazia de sua solução. Atesta-o a criação da Sociedade Anti-Escravagista Brasileira e a publicação do livro *O Abolicionismo*.

Nesse mesmo período, Salvador de Mendonça estava à frente do consulado do Brasil em Nova York, cumprindo ordens dos governos que se alternavam durante a vigência da Monarquia. Destes, o último gabinete foi o do visconde de Ouro Preto, cujo intento conferido a Mendonça era de organizar missão especial que iria a Washington representar o Brasil na Primeira Conferência Internacional Americana que se realizou em Washington no período de 20 de outubro de 1889 a 19 de abril de 1890. Nos trabalhos de organização, ele negou o pedido da princesa Isabel, feito por intermédio do visconde, de nomear Joaquim Nabuco chefe da missão. A desculpa foi de que o pretendido não detinha conhecimentos suficientes para a empreitada, o que gerou um acordo em torno do nome de Lafayette Rodrigues Pereira.

A Monarquia brasileira não havia participado de outros encontros interamericanos. Ausentou-se do encontro no Panamá de 1826, de Lima nos anos de 1847-1848, de Santiago em 1856, de Washington também em 1856 e de Lima nos anos de 1864-1865 (SANTOS, 2004: 21). Quando se decidiu pela participação, o regime demonstrava suas fragilidades. Oliveira Lima, que estava em Lisboa no ano da Conferência, alguns meses antes do dia 15 de novembro, falava ao conselheiro Saraiva sobre a inevitável realização da República brasileira. O conselheiro o reprovou, mas não interpôs convicção contrária.

Salvador de Mendonça foi nomeado Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário em Missão Especial nos Estados Unidos, além de Delegado do Brasil na Primeira Conferência Internacional Americana. Quando da mudança de regime na nação brasileira, ele lutou pelo êxito da República nos Estados Unidos. Existiam desconfiças em relação ao futuro do novo regime. O senador republicano John Sherman defendia a prudência, supondo coerente aguardar a manifestação da opinião pública brasileira. O presidente Harrison, também republicano, parecia esposar a tese do senador. O problema se agravava, pois o barão de Itajubá informou Salvador de Mendonça que nenhuma nação européia reconheceria a república antes dos Estados Unidos.

Mendonça procurou Andrew Carnegie, Charles R. Flint e Thomas Jefferson Coolidge, os três delegados norte-americanos à Conferência, para mostrar a conveniência daquele país ser o padrinho político da nação brasileira. Caso contrário, algum país europeu tomaria a dianteira. No dia 29 de janeiro de 1890, Thomas Jefferson Coolidge avisou Salvador de Mendonça que o Secretário de Estado, James Blaine, desejava vê-lo. Blaine comunicou estar convencido da conveniência dos Estados Unidos serem padrinho político do Brasil e que reconheceriam imediatamente a República. Mendonça comunicou o Governo Provisório por meio dos ofícios reservados ao Ministério das Relações Exteriores, sob números 1 e 2, de 14 de janeiro e de 6 de fevereiro, respectivamente.

Na Conferência, o plenipotenciário brasileiro sustentou a tese do arbitramento obrigatório, que conjuntamente a Saenz Peña e Manuel Quintana, redigiu seu projeto para aprová-lo em 1890.

No mesmo período, Joaquim Nabuco contraiu núpcias com Evelina Torres Soares Ribeiro e escreveu contra a república nas páginas do Jornal do Comércio. Enquanto Salvador de Mendonça era nomeado Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário de Primeira Classe do Brasil em Washington, pelo Ministro do Exterior Quintino Bocaiúva, empenhando-se pelo convênio aduaneiro e a compra da prata, Oliveira Lima iniciava sua vida diplomática.

De volta ao Brasil, Lima acompanhou o desenvolvimento da vida política brasileira após a proclamação da República, quando foi apresentado a Bocaiúva pelo conde de São Salvador de Mattosinhos. Já em 1891, acompanhou seu cunhado Araújo Beltrão, então primeiro ministro da República, a Lisboa. Sua chegada naquela capital aconteceu depois que a Monarquia portuguesa debelara a revolta portuense de 31 de janeiro, assim como deu início à fase dos ministérios extra partidários. Coincidiu, ainda, com o gabinete que tinha o conde de Valbom como responsável pela pasta dos negócios estrangeiros e com a circular do governo, contrária a emigração para o Brasil, dada à acusação de maus tratos a colonos de outros países. A República brasileira encontrou resistências, sendo que algumas dificuldades foram causadas pela inabilidade do cunhado de Lima.

Outro fato é que Araújo Beltrão estava aborrecido com a má vontade do governo português, em especial do conde de Valbom, na busca de soluções aos problemas encontrados. Procurando se fortalecer Beltrão aconselhou, por telegrama, o barão de Lucena a não dar andamento às negociações para um convênio de comércio favorável à exportação de vinhos portugueses. Pretendia, com isso, isolar politicamente o conselheiro Mattoso dos Santos, então no Rio de Janeiro. Pensou que dessa forma pressionaria o ministro português de estrangeiros a conceder prova de equidade internacional tal qual se reclamava.

O telegrama, como recorda Oliveira Lima, foi interceptado e decifrado, contrariando sobremaneira o conde de Valbom. Assim sendo, se os representantes brasileiros em Portugal não eram quistos, passaram a ser mal vistos. Tanto que Valbom, homem vingativo segundo Lima, aguardou o momento oportuno para prejudicar seus adversários por meio de hostilidades. A possibilidade se manifestou em dezembro de 1891, com o falecimento de Pedro II na capital francesa.

A legação brasileira pediu instruções ao governo de Floriano Peixoto sobre como proceder quanto ao funeral de Pedro II. A resposta oficial proibia a legação de participar do evento, como também orientava que ao ministro diplomático não era lícito despojar-se do seu caráter representativo no país onde se encontrava. O único membro da legação a respeitar a deliberação foi Oliveira Lima que apresentou como desculpas suas núpcias.

O conde de Valbom não poupou os brasileiros. Proprietário do jornal Novidades, no qual escreviam seu filho e Barbosa Colen, fez publicar editorial acusando Oliveira Lima de republicanismo por se ausentar do funeral de Pedro II, assim como afirmou que sua irmã, a esposa de Araújo Beltrão, propositalmente desfilou de carro, trajando vestes pouco recomendáveis para o momento, de modo a afrontar a memória do ex-imperador brasileiro. Na estratégia de Valbom contou, ainda, a campanha contra o governo brasileiro com auxílio do ministro português Paço d'Arcos, para alcançar a remoção de Beltrão, de Lima e do cônsul geral Vieira da Silva, ao que logrou êxito. O primeiro foi removido para Berna e Lima para Berlim (LIMA, 1934, p.99).

Salvador de Mendonça também seria removido dos Estados Unidos e depois perseguido até seu afastamento ilegal do serviço diplomático brasileiro. Mendonça representou o governo de Floriano Peixoto com muita lealdade, a ponto de impedir o reconhecimento estadunidense da revolta da armada no ano de 1893. Mas, deste ano até os primeiros anos do século XX, ele sofrerá as conseqüências dessa fidelidade, mais adiante expressas por Oliveira Lima.

Salvador de Mendonça defendeu a República brasileira naquele país articulando apoios para o seu governo junto a Blaine. Todo o processo é narrado no artigo *The Rebellion in Brazil* de 1894, último ano de sua glória porque, a partir do ano seguinte, ele seria isolado. Prova-o a questão das Missões. Ela foi decidida favoravelmente ao Brasil, contudo, o nome de Mendonça não apareceu nas notícias dos jornais apesar de ter acompanhado e participado do processo desde o Império.

A remoção de Salvador de Mendonça aconteceu em 1898, com sua ida para Lisboa. No mesmo ano foi exonerado, ficando desempregado. Nessa condição, ele escreveu seu *Ajuste de Contas* nas páginas do Jornal do Comércio como dedicou sua vida pela reintegração do ano de 1899 ao ano de 1901. Mendonça continuou atento ao que acontecia na política internacional, manifestando-se em três artigos publicados naquele jornal em 1902. Os artigos foram intitulados *A Questão do Acre* e seu autor defendia o direito do Brasil a todo o vale do Amazonas. No ano seguinte aos artigos, Mendonça foi reintegrado a carreira diplomática de modo limitado, levando-o a se aposentar em 1911.

Os últimos anos de vida foram dedicados ao jornalismo, mesmo que com publicações esparsas no periódico *O Ipiranga* e no *Século*. Os artigos do primeiro corroboraram para a publicação do livro *A situação internacional do Brasil* e do segundo salientam-se os *Furtos no Itamaraty* e *A Crise da república*. A carreira diplomática de Salvador de Mendonça finalizou em 1911 e a de Joaquim Nabuco, com sua morte, em 1910. Oliveira Lima conviveu com os dois diplomatas que lembraria nas suas Memórias. Lima compara os perfis de Mendonça e Nabuco, desnudando-os nas suas limitações, manias e vitórias.

A GUIA DA CONCLUSÃO: JOAQUIM NABUCO E SALVADOR DE MENDONÇA NAS PERCEPÇÕES DE OLIVEIRA LIMA

Oliveira Lima teve Salvador de Mendonça como chefe nos Estados Unidos e recorda do seu primeiro encontro com ele. Lima trabalhou com Mendonça a partir de 1896 e este possuía má fama na Secretaria de Estrangeiros, pois se contava que sempre seguia uma prática para proteger seu filho Mário, então segundo secretário. Mendonça queixava-se de todos os primeiros secretários, que eram recebidos com uma chávena de café perfumado e um Cabañas y Carvajal; depois ouviam que por não existir nada a se fazer poderiam descansar.

Oliveira Lima chegou aos Estados Unidos no mês de maio e seu chefe havia providenciado quartos no Grafton, hotel próximo à legação brasileira. Os dois se encontrariam no dia seguinte, quando Lima se apresentaria oficialmente. Nesse encontro, o secretário lembra os detalhes da conversa e das coisas servidas.

Salvador de Mendonça recebeu Oliveira Lima com muita cortesia, convidando-o para uma chávena de café perfumado. A bebida foi servida por um copeiro dinamarquês enquanto Mendonça abria uma caixa de charutos para convidar seu interlocutor a se servir. O chefe observava que a estação estava calma e considerava oportuno seu secretário visitar a capital dos Estados Unidos. Lima retrucou e também o informou da má fama que possuía no Brasil. Salvador de Mendonça sorriu afirmando conhecer o valor do seu subordinado e que ambos trabalhariam muito após o verão.

Mendonça aludiu à possibilidade de ambos serem vizinhos na cidade de Keene Valley, onde ficava sua casa de campo. Oliveira Lima alugou quartos no hotel dessa cidade e conheceu melhor seu vizinho, com o qual manteve relação amistosa até sua morte. Além de perceber-lhe características como o faro diplomático e admirar-lhe o prestígio na sociedade estadunidense da década de 1890. Para Lima, nenhum outro representante do Brasil foi tão estimado quanto Salvador de Mendonça, como se observa na passagem que segue:

(...) na gradação descendente que vai do imaginativo Nabuco ao imbecil Cochrane de Alencar e ao fátuo Silvino do Amaral, passando pelo

dengoso Domicio da Gama, ainda assim dotado de certa distinção intelectual e de um certo sentimento de reserva social. Nabuco gozou da estima de Elihu Root e de Roosevelt, que apreciaram a sua superioridade espiritual e também o seu vistoso pan-americanismo, mas nunca soube como Salvador percorrer toda a gama sobre o teclado da alma americana (LIMA, 1937, p.147).

Oliveira Lima recorda a participação de Salvador de Mendonça nos eventos que desmantelaram a revolta da armada. O florianista era o melhor agente da legalidade no estrangeiro e percebeu as intenções do ministro norte-americano no Brasil por meio de despachos. O ministro pretendia induzir o seu governo a reconhecer a beligerância porque se simpatizava com a marinha brasileira. O representante brasileiro soube usar o sentimento nativista e republicano estadunidense, convencendo o Secretário de Estado Gresham que seu diplomata sofria influências de congêneres europeus simpáticos à Monarquia. Mendonça aconselhou o secretário a fazer descer de Petrópolis aquele diplomata afastando-o dos representantes da Europa. Gresham atendeu a sugestão.

Sem tramas e intrigas diplomáticas, Salvador de Mendonça impediu a mudança de regime no Brasil, como visto no parágrafo anterior. Mas a defesa da homogeneidade republicana no continente custou uma intervenção humilhante promovida pela esquadra dos Estados Unidos e condenada por Joaquim Nabuco⁸. Condenação que, segundo Oliveira Lima, Nabuco esqueceu tão logo ocupou a embaixada de Washington. Aliás, este mudava de opinião profunda e rapidamente, dizendo não lembrar a experiência latina de Roma, onde esteve em missão junto ao arbitro, que deu a Inglaterra o acesso à bacia amazônica. Decisão que desprezou a doutrina dos limites naturais e o princípio do *Uti Possidetis* na questão de fronteiras envolvendo a Guiana britânica.

O prestígio de Salvador de Mendonça revelou-se mais completamente

⁸ Joaquim Nabuco publicou uma série de artigos no Jornal do Comércio em 1895, condenando a intervenção estrangeira na Revolta de 1893. Os artigos foram transformados no livro *A intervenção estrangeira durante a revolta de 1893*. O movimento começou em 6 de setembro de 1893 e terminou em 13 de março de 1894, tendo Custódio de Melo e depois Saldanha da Gama no comando das forças revoltosas. Ao longo de seis meses, as forças que defendiam a novel República brasileira combateram setores que pretendiam a volta do regime monárquico. Sugere-se, para comparação das ideias em jogo nesse período, o já citado livro de Nabuco, ainda monarquista, e o livro *Situação internacional do Brasil*, do republicano histórico Salvador de Mendonça.

em 1897 quando assumiu duas secretarias americanas. Uma delas era a União Pan-Americana designada, à época, Repartição das Repúblicas Americanas, na qual mostrou sua influência junto a autoridades estadunidenses. Mendonça fez prevalecer sua indicação para o cargo de tradutor de francês. A embaixada da França protegia Henry Harrisse e o brasileiro protegia duas moças norte-americanas. Salvador de Mendonça procurou o Secretário de Estado Sherman para expor suas convicções, as quais convenceram o Secretário que intercedeu favoravelmente às pretensões do representante do Brasil em detrimento dos interesses daquela embaixada.

Apesar do prestígio, Mendonça também foi enganado nos Estados Unidos pelo Secretário de Estado Blaine. Este foi inteligente e velhaco, segundo Oliveira Lima, ao negociar um convênio de reciprocidade comercial com o brasileiro. O convênio destinava-se aos países hispano-americanos e se prestava igualmente a ser complemento de outro convênio, o de arbitramento obrigatório. Na negociação, Blaine comprometeu-se a conceder tratamento de exclusividade para o açúcar brasileiro. Como Salvador de Mendonça afastou-se das negociações, por conta de um ataque de gripe que revelou seu glaucoma, o norte-americano destinou aquela exclusividade ao açúcar cubano. O representante diplomático brasileiro foi duramente criticado no seu país. Aliás, no Brasil, ele sofreria outros golpes de traição, como o da sua remoção para Lisboa.

A transferência de Salvador de Mendonça fez parte da estratégia de Fontoura Xavier para ser ministro nos Estados Unidos. Xavier articulou junto ao Senado brasileiro a remoção de Mendonça por incapacidade física e logrou suas ambições, tornando-se, posteriormente, embaixador. Mas Mendonça teve a graça de um editorial do Washington Post dizendo que setenta milhões de amigos norte-americanos davam um saudoso adeus ao diplomata. Setenta milhões era a população dos Estados Unidos na década de 1890. Apesar disso, no Brasil imaginava-se ou fazia-se imaginar que as boas relações desses países deviam-se ao barão do Rio Branco e a Joaquim Nabuco. Para Lima, as boas relações vinham de João VI que fundou um império americano, de Pedro I ao declará-lo parte do sistema americano e do comportamento de Pedro II, bem como defendia o valor dos serviços de Mendonça que foram atirados no limbo.

Não bastasse, Salvador de Mendonça foi atingido na honra. José Carlos Rodrigues era proprietário do Jornal do Comércio e lançou uma campanha de difamação contra Mendonça. Rodrigues era exemplo dos bajuladores sem méritos da República, de acordo com Oliveira Lima, tendo negada sua reabilitação para a legação de Londres na presidência Campos Sales. O ministro das relações exteriores dessa presidência, Olinto de Magalhães, disse preferir que suas mãos fossem cortadas a assinar a reabilitação daquele senhor. Mas o não reabilitado fez fortuna no Brasil por meio do resgate das estradas de ferro inglesas quando chefiou uma comissão do governo. Mendonça, contudo, resistiu energicamente no seu *Ajuste de Contas*.

Oliveira Lima menciona outras qualidades de Salvador de Mendonça como sua erudição. Mendonça percorria catálogos de leilões de livros e possuía excelente biblioteca, como também colecionava quadros. Se esses não eram todos autênticos a culpa não era sua, pois a esperteza européia dos *old masters* havia se consolidado nos Estados Unidos. Apesar da erudição, o ex-ministro nunca ocupou cargos na Academia Brasileira de Letras - ABL, o que Lima entende como injustiça ao alegar que ele merecia ter sido seu presidente porque era brilhante professor e exímio jornalista que nunca apelou para agressões pessoais. Oliveira Lima comenta, ainda, outras perseguições.

Salvador de Mendonça sofreu perseguição em função da bajulação de Fontoura Xavier para agradar o ministro do exterior, Dionísio Cerqueira, que pretendia obter a demissão de Mendonça sob acusação de proteção dos interesses norte-americanos. Xavier inventou que comerciantes estadunidenses aumentariam a taxação do café brasileiro e recomendava o representante diplomático do Brasil a exigir novas negociações. O representante ao perceber a trapaça, comunicou o despropósito ao Rio de Janeiro. A comunicação fez Dionísio de Cerqueira perder o posto e Fontoura Xavier retornar humildemente ao seu consulado. Xavier recuperou-se logo do golpe, pois especulou café brasileiro com o grande investidor norte-americano Streng, angariando concessões rendosas para esse, tendo o senador Azeredo por parceiro.

No concernente aos Estados Unidos, Oliveira Lima tece comparações entre Joaquim Nabuco e Salvador de Mendonça. O primeiro teve sua figura

diplomática realçada pelo talento como escritor, fazendo palestras em associações e Universidades daquele país. Mas ele não possuía o mesmo domínio da língua inglesa de Mendonça, o qual Renick dizia ser um puro *Maculay* (RENICK apud LIMA, 1937, p.186). Elogio importante, pois partia do *chief clerk* do Departamento de Estado da segunda administração Cleveland e ex-sócio do democrata Woodrow Wilson, futuro presidente norte-americano.

Nabuco era uma inteligência formada por três matrizes distintas. A imaginação era latina, a mentalidade francesa e a orientação inglesa. A primeira, todavia, representou o traço capital de sua atividade política e o conduziu ao novo regime, mas não sem obstáculos. Jaceguay tentou demovê-lo cobrando sua fidelidade à monarquia e Carlos de Laet amargurou, ao longo da vida, a deserção do soldado, o qual criticou quando do discurso de recepção do seu sucessor na Academia Brasileira de Letras - ABL.

Nabuco foi designado para fazer o tratado de arbitramento relativo ao território de litígio com a Guiana britânica. Na ocasião, Oliveira Lima o aconselhou a não aceitar a defesa de um arbitro simpático à Inglaterra, pois interesses nacionais europeus concorriam contra as pretensões brasileiras. Lima argumentava estar o mar Mediterrâneo sob o controle inglês e a Itália impedida de aliar-se a França, a qual tinha o protetorado sobre a Tunísia, igualmente cobiçada pelos italianos. Ele informou Joaquim Nabuco de que o barão do Rio Branco escrevera sobre o tema para Souza Correa, o qual negociava um tratado de limites com concessões maiores que as dadas pelo arbitramento.

O barão comentara ser o direito brasileiro difícil de provar no caso da Guiana e, por descuido, dissera-o igualmente mais complicado quando comparado ao caso do Amapá e das Missões. Mas de nada adiantou, pois o negociador do Brasil confiava demasiadamente nos seus dotes literários, os quais não foram suficientes e a derrota no litígio foi explorada pela imprensa. O Jornal do Comércio apresentou uma exposição depreciativa da questão de modo a convencer que o laudo adverso devia-se a falta de experiência do negociador. Mas, com a elevação da legação brasileira a embaixada em Washington, Nabuco seria redimido com a promoção a embaixador nos Estados Unidos.

Joaquim Nabuco apresentou suas credenciais nos Estados Unidos defendendo a potência incomensurável de Roosevelt e a valorização internacional do Brasil. Oliveira Lima criticou o discurso, mas não negava as qualidades de Nabuco como a beleza, as maneiras aristocráticas e o vasto conhecimento sempre usado com destreza. Ele era um *charmeur*, com expressão atraente e sorriso cativante. Apesar disso, eles romperiam relações porque o embaixador era excessivamente vaidoso e não aceitava críticas ao seu americanismo. Nesse sentido, Lima faz duas observações. A primeira dar-se pelo fato de Joaquim Nabuco não reconhecer os méritos dos seus predecessores nos Estados Unidos, chegando a desprezar Salvador de Mendonça.

A segunda observação deriva da primeira e começou por uma carta escrita na Venezuela, na qual Oliveira Lima criticava Joaquim Nabuco pela forma com que procurava unir o Brasil e os Estados Unidos. Nabuco desejava estreitar os laços entre esses países numa *entente ultra-cordiale* que representava seu triunfo pessoal. Esses países, no entanto, possuíam uma longa tradição de cordialidade e o termo *ultra*, preocupava Lima que ilustrou suas reservas pelo exemplo das panelas de barro e de ferro.

O Brasil seria uma panela de barro e os Estados Unidos uma panela de ferro, sendo a primeira frágil e a última forte. A relação resultante desta correlação de forças era a impossibilidade da equivalência entre os países, criando-se uma possível dependência moral e política da parte mais fraca. Joaquim Nabuco e Rio Branco davam mostras dessa dependência quando da conferência Pan-Americana do Rio de Janeiro. O primeiro a presidiu e defendeu o pan-americanismo do Norte e o último orientava a política brasileira no sentido de ajustá-la aos interesses dos Estados Unidos.

A crítica de Oliveira Lima deu-se nesse sentido, pois Nabuco o informou em carta estar favorável ao Brasil ser dirigido pelos Estados Unidos. Lima expressou seu descontentamento por meio de uma anedota baseada na decisão do Secretário de Estado Root não visitar a América do Sul. Joaquim Nabuco se esmerava para trazer o Secretário de Estado, visto a visita representar um trunfo para sua carreira. Lima ironizou o embaixador brasileiro ao denominá-lo *rootless*. Mas as desavenças não se encerraram nessas correspondências.

Oliveira Lima escreveu para um editorial do Jornal do Recife, apontando divergências suas e de Joaquim Nabuco sobre o tema pan-americanismo. Nabuco ficou irritado e solicitou ao barão do Rio Branco a disponibilidade de Lima. O barão se esquivou ao solicitar que o requerente fizesse o pedido oficialmente, para que o mesmo fosse levado ao presidente da República. O pedido não foi feito. A vaidade do embaixador ocorreu também em relação a Rui Barbosa, que fora convidado para a segunda conferência de paz, pois o barão do Rio Branco pretendia edificar uma delegação de águias.

Joaquim Nabuco se recusou a participar da delegação porque sabia que o primeiro seria Rui Barbosa. Nabuco, no entanto, esteve em Bruxelas para influenciar a decisão de Barbosa no sentido de estreitarem-se posições com os Estados Unidos. Seus conselhos foram dispensados. Quanto à formação da delegação, Barbosa expôs seu desejo de levar Lima como segundo secretário e Jaceguay como delegado técnico. O barão não atendeu o seu pedido porque Jaceguay criticou o tratado de Petrópolis e Lima nunca o aplaudira incondicionalmente.

Por fim, afirmamos que o presente artigo ambicionou mostrar aspectos de um período de mudanças na história contemporânea brasileira, em especial nas suas relações internacionais com os Estados Unidos. Joaquim Nabuco, Oliveira Lima e Salvador de Mendonça corroboram na tarefa porque participaram ativamente desse período. Além do que Mendonça e Nabuco oferecem possibilidades de leituras da política doméstica brasileira, visto terem trabalhado no jornalismo político e o último atuado no parlamento. Oliveira Lima e Salvador de Mendonça concorrem nessas reflexões porque estiveram na diplomacia quando da afirmação do regime republicano e sua inserção no mundo do trabalho moderno divergindo em idéias relativas à abolição, mais precisamente, a forma como foi concluída.

FONTES

LIMA, Oliveira. *Memórias (estas minhas reminiscências...)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937, coleção Documentos Brasileiros, 2.

MENDONÇA, Salvador. *Situação Internacional do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1913.

NABUCO, Joaquim. *A intervenção estrangeira durante a Revolta de 1893*. Brasília: Senado Federal, 2003, edições do Senado Federal, Volume 21.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAGHLIAN, Carlos. *Os Discursos Americanos de Joaquim Nabuco*. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1988, série estudos e pesquisas, 51.

LYRA JUNIOR, A. A. *Brasil e Estados Unidos nas representações de Oliveira Lima e Salvador de Mendonça (1870-1914): idéias sobre a inserção brasileira na América*.

Brasília, 2008. Tese (Doutorado em História) Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, 2008.

MANNHEIM, Karl. O problema das gerações In *Sociologia do conhecimento*. Portugal: Rés-Editora, s/d, Volume II, p.115-176.

MENDONÇA, Carlos Sússekind de. *Salvador de Mendonça: democrata do Império e da República*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e da Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1960, Coleção B3 Biografia II.

MICELI, Sérgio. *Poder, sexo e letras na República Velha (estudo clínico dos anatolianos)*. São Paulo: Perspectiva, 1977 Coleção ELOS.

MONTES, Maria Lúcia. Raça e identidade: entre o espelho, a invenção e a ideologia In SCHWARCZ, Lilia Moritz; QUEIROZ, Renato da Silva (orgs.). *Raça e diversidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Estação Ciência, 1996, p.46-75.

SANTOS, Luís Cláudio Villafañe G. *O Brasil entre a América e a Europa (do Congresso do Panamá à Conferência de Washington)*. São Paulo: UNESP, 2004.